

A IMPORTÂNCIA DO MANEJO SANITÁRIO NA PISCICULTURA NO CUSTO DE PRODUÇÃO

Nos últimos tempos, na maioria das regiões produtoras de peixe do país, tem-se notado o aumento da incidência de doenças, tanto de enfermidades novas quanto de pré-existentes. As principais causas são a intensificação dos sistemas de produção, o

manejo inadequado, as condições do ambiente de cultivo e a presença do patógeno. Na Figura 1 estão listados os principais agentes etiológicos (parasitas, bactérias e vírus) que tem afetado a piscicultura brasileira nas mais variadas regiões.



Figura 1. Principais agentes etiológicos presentes na piscicultura brasileira.

Fonte: Adaptado de Pilariski.

• Mas, se há aumento da incidência das doenças, qual a opção para o produtor?

Hoje, no Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) tem registrado apenas 4 produtos que podem ser utilizados, sendo 3 para controle de microrganismos e 1 para

controle parasitário, sendo eles florfenicol, oxitetraciclina e metrifonato, porém, deve-se respeitar o período de carência desses produtos. O período de carência significa o intervalo de tempo necessário para a metabolização e excreção do princípio ativo em nível abaixo estabelecido pela legislação. O não cumprimento

desse período pode colocar em risco a saúde dos consumidores e a qualidade dos produtos.

- Então, qual a melhor alternativa?

O produtor deve se dedicar a prevenção, impedindo que o sistema de produção apresente condições para a proliferação desses agentes etiológicos por meio do controle índices zootécnicos, da qualidade de água, da aquisição e animais saudios, de procedência conhecida e da diminuição de fatores que causam estresse nos animais (pois isso causa baixa na resistência, aumentando a chance de o animal desenvolver doenças).

- E no custo de produção, como a mortalidade pode afeta-lo?

A mortalidade tem grande impacto nos custos de produção pois, com uma menor taxa de sobrevivência, haverá concentração dos custos nos animais restantes, causando uma maior proporção em reais por kg (R\$/kg). Na Tabela 1 pode-se observar o quanto a variação de um ponto percentual na taxa de mortalidade na primeira e segunda fase de criação pode afetar no custo final de produção em R\$/kg, ou seja, quanto maior a taxa de mortalidade, maior o custo operacional total.

Tabela 1. Variação no custo operacional total no incremento de 1 ponto percentual na taxa de mortalidade na primeira e segunda fase de criação em Fartura/SP, Gouvelândia/GO e Niquelândia/GO.

		% de mortalidade na 1ª fase						
		Fartura - SP						
		10%	11%	12%	13%	14%	15%	16%
% de mortalidade na 2ª fase	2%	4,37	4,39	4,41	4,43	4,44	4,46	4,48
	3%	4,39	4,41	4,43	4,44	4,46	4,48	4,50
	4%	4,41	4,43	4,44	4,46	4,48	4,50	4,52
	5%	4,43	4,44	4,46	4,48	4,50	4,52	4,54
	6%	4,44	4,46	4,48	4,50	4,52	4,54	4,56
	7%	4,46	4,48	4,50	4,52	4,54	4,56	4,58
		Gouvelândia - GO						
		4%	5%	6%	7%	8%	9%	10%
% de mortalidade na 2ª fase	3%	4,00	4,02	4,03	4,04	4,06	4,07	4,09
	4%	4,02	4,03	4,05	4,06	4,07	4,09	4,10
	5%	4,04	4,05	4,06	4,08	4,09	4,11	4,12
	6%	4,05	4,07	4,08	4,09	4,11	4,12	4,14
	7%	4,07	4,08	4,10	4,11	4,13	4,14	4,16
	8%	4,09	4,10	4,12	4,13	4,15	4,16	4,18
		Niquelândia - GO						
		15%	16%	17%	18%	19%	20%	21%
% de mortalidade na 2ª fase	7%	4,24	4,26	4,27	4,29	4,31	4,32	4,34
	8%	4,26	4,27	4,29	4,31	4,32	4,34	4,36
	9%	4,27	4,29	4,31	4,32	4,34	4,36	4,37
	10%	4,29	4,31	4,32	4,34	4,36	4,37	4,39
	11%	4,31	4,32	4,34	4,36	4,37	4,39	4,41
	12%	4,32	4,34	4,36	4,37	4,39	4,41	4,43

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA. Elaboração: Pecege/USP/CNA.

Portanto, o manejo sanitário é de suma importância para a manutenção dos custos, o melhor controle das doenças é a prevenção e caso necessário a utilização de medicamentos, deve-se respeitar o período de carência.